

SÃO FLORES

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Estava uma flor bordada num saco de guardanapo a olhar para uma flor pintada numa jarra de porcelana. E vice-versa.

A flor bordada queria meter conversa com a flor pintada. E vice-versa.

Entretanto, a flor bordada pensava: "Sou mais bonita do que ela." E vice-versa.

Até que a flor bordada resolveu dizer precisamente o contrário do que pensava:

– Nunca vi flor mais bonita do que tu.

A flor da jarra retorquiou, no mesmo tom:

– Tu, sim, és a mais bonita. Uma perfeita imitação.

Neste ponto, a conversa estragou-se.

– Imitação? – estranhou a flor do saco de guardanapo. – Imitação de quê?

– Imitação de uma flor verdadeira – respondeu a flor pintada na jarra.

– Ora essa! Eu sou uma flor incomparável, uma flor bordada, verdadeiramente bordada com toda a verdade da arte.

Agora, enfim, estava a dizer o que pensava. Não lhe ficou atrás a outra flor:

– Verdadeira obra de arte sou eu. Não há flor pintada mais autêntica, pode crer.

Argumentaram, discutiram, zangaram-se. Perderam a elegância do trato. Passaram a dizer mais do que pensavam:

– Você é uma reles imitação – dizia a flor pintada.

– E você é uma falsificação barata – dizia a flor bordada.

Nisto, mãos femininas vieram colocar uma flor na jarra, até então vazia.

– Qual é o tema da discussão? – quis saber a recém-vinda, debruçada da jarra.

Puseram-na a par da disputa e logo a nova flor, que era dotada de um caule esguio, folhagem vaporosa e pétalas gentis, rodopiou na jarra de porcelana, para dizer, num risinho de superioridade:

– Não sejam ridículas e olhem para mim. Haverá flor mais encantadora e mais verdadeira do que eu?

As duas outras calaram-se. Afinal, a flor de folhas frágeis, que qualquer corrente de ar agitava, a flor de longa haste, mergulhada na jarra, é que tinha razão.

Aqui para nós e em segredo, diremos que também não tinha razão nenhuma. Pois se ela era apenas uma simples flor de papel...

FIM